

TEMPO DE CHEGADA NA CRECHE: CONHECENDO-SE E FAZENDO-SE CONHECER¹

Giandréa Reuss Strenzel²

Resumo: O trabalho aborda, a partir da literatura recente da área da Educação Infantil brasileira e italiana, o acolhimento das crianças entre 3 e 36 meses e suas famílias na creche. Ao longo do texto são incluídas as questões da programação institucional para este momento específico, incluindo a preparação dos profissionais envolvidos no que diz respeito ao planejamento dos momentos de ingresso, as reuniões com as famílias, o acompanhamento do processo pela equipe responsável e o registro do processo.

Que momento é este? Como organiza-lo em meio a tantas expectativas? Pais e mães, meninos e meninas chegando, e várias dúvidas instaladas. Insegurança, perda, desafio... E as profissionais como é que se sentem? Ao mesmo tempo, são oportunidades para se tecerem novas relações. São muitas as expectativas colocadas neste tempo de chegada. Momento de recebimento de novas famílias com seus valores, suas crenças, suas histórias de vida. Momento de conhecer e fazer-se conhecer.

Pesquisadores em nível nacional e internacional têm se detido a este momento delicado, pesquisando e relatando suas experiências. O tempo de chegada no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI)³ é um momento especial que vem sendo repensado e reconstruído ano a ano com sua equipe de profissionais. Inicia-se depois que os pais das crianças efetivam sua matrícula.

Sob o ponto de vistas da equipe de profissionais da creche, o período de ingresso das crianças ocorre inicialmente com uma reunião com as famílias, onde é exposta a proposta de trabalho da instituição tanto em nível administrativo como pedagógico. Após

¹ Trabalho revisado apresentado inicialmente na II Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão - SEPEX- UFSC, 2002.

² Mestre em Educação; pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos – NEE 0 a 6; Coordenadora Pedagógica do Núcleo de Desenvolvimento Infantil/CED/UFSC no período de 2001-2002. giandrea@ced.ufsc.br

³ Unidade Universitária Federal de Educação Infantil ligada ao Centro de Ciências da Educação/CED, da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, que atua com atividades de ensino, pesquisa e extensão.

essa reunião, as famílias são chamadas à creche para outra reunião, agora tratando especificamente sobre a acolhida, onde são expostas as principais considerações sobre este momento específico. O objetivo desta reunião é explicitar às famílias como ocorre a entrada das crianças e das famílias na creche e quais as atitudes de ambas as partes para que as crianças façam esta “passagem” possibilitando o início da construção de vínculos. Para Martinez (1998) que pesquisou sobre as representações que as famílias e os profissionais da instituição têm sobre a chegada das crianças na creche, a entrevista inicial com a família facilita a integração creche-família.

Após a reunião, é realizada uma entrevista com cada família, em que são colhidos dados da história de vida da criança, suas preferências, sono, alimentação, rotina familiar, saúde, etc. Conversar sobre as expectativas da família permite e possibilita uma forma de comunicação que esclarece, para ambas as partes, determinadas informações relevantes para a entrega da criança à creche. Martinez (idem) nos coloca que conhecer a história pregressa da criança e parte da história de sua família pode trazer informações importantes para auxiliar a recebe-la, desde que estejam inseridas numa proposta articulada da instituição. Com este instrumento também as professoras podem estar utilizando sua experiência relatando aos pais uma síntese daquilo que já vivenciaram em situações semelhantes.

Ações concretas que favoreçam o processo de transição da criança e sua família para a creche, como uma visita orientada em companhia dos pais também tem sido prática no NDI. Conhecer a creche na ausência de situação de estresse pode ser uma atividade útil para pais e filhos (as). A intenção que se coloca é apresentar a creche em seus diferentes aspectos e em diversas oportunidades: o tempo e o espaço, tal como coloca:

Na iniciação da criança pequena na escola, destaca-se que o tempo para conhecer e os processos de comunicação são as dimensões fundamentais para a compreensão e assimilação do novo, seja ele para a criança, para membros da família (em especial a mãe) e para as próprias educadoras, levando-se em consideração as especificidades do desenvolvimento infantil e do adulto. Entende-se a vivência desse processo constituída de oportunidades, para os indivíduos que dele fazem parte – adultos e crianças (...) (Martinez, 1998: 156).

Segundo Mantovani & Terzi (1998), os temores de que a creche cause traumas da separação entre crianças e familiares não possuem fundamentos científicos. A literatura sobre o tema fala em separações totais e a creche é uma separação parcial e temporária, que introduz ou deveria introduzir a criança num ambiente acolhedor, acompanhada de adultos familiares que vão se distanciando à medida que a criança adquire outra referência.

Para estas autoras, certas regularidades nos ritmos de vida das crianças nos primeiros anos de vida são aconselháveis. A criança tem necessidade de algo certo, reconhecível e regular, de relações e trocas decodificáveis e estáveis a ponto de serem conhecidas e reconhecidas, de se tornarem emotivamente seguras. Portanto, “é melhor a creche do que a criança estar numa instabilidade de relações com vários adultos, mãe, avós, babá, durante o dia”. (idem, p. 175).

É neste ambiente acolhedor que professoras, crianças e famílias vão tecendo relações, onde os adultos acompanham as crianças até que para elas a separação da figura conhecida não seja mais tão traumática. É um novo espaço, novos companheiros, novas relações que vão sendo tecidas de acordo com o ritmo próprio de cada criança. É aí que se inicia a criação de vínculos, no contato diário entre os adultos e crianças e que vai sendo trabalhada no decorrer da permanência da criança na creche.

Sobre a programação a ser oferecida pelas professoras, ou seja, as situações oferecidas e a organização dos espaços, a brincadeira toma um lugar especial, onde são apresentados os brinquedos e as novas possibilidades de ações para as crianças, oferecendo a elas um espaço definido que lhes oportuniza várias vivências. São seus primeiros contatos sociais fora do círculo familiar. Também são muito valorizadas ações simples, porém de grande importância, como o carinho, o afeto, as conversas. Nos momentos em que as crianças estão nos espaços mais amplos da creche, podem exercitar suas habilidades motoras sem necessitar a companhia direta do adulto. Neste sentido, a professora torna-se a organizadora do espaço podendo assim circular entre as crianças. A rotina não se centra nela e sim nas relações estabelecidas entre os adultos e as crianças e entre elas, tal como preconiza a Pedagogia para a Educação Infantil⁴. A organização dos espaços, dos objetos e

⁴ Para aprofundamentos sobre a questão ver ROCHA, Eloisa A. C. A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma Pedagogia. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 1999.

dos brinquedos favorece as ações e interações entre adultos e crianças, num ambiente afetivo e acolhedor.

As professoras que participam do processo percebem a inserção como um processo individual, de cada criança, assinalando importantes variáveis. O papel das mães é definidor como uma grande variável que interfere ou facilita a transição. Acredita-se que este momento pode ser destituído de medos e inseguranças e ser mais tranquilo. O fator tempo também aparece como fundamental para a família e a creche lidarem com as exigências conflitantes da passagem do convívio da família para a creche. Com o passar do tempo, professora, crianças e famílias vão se conhecendo cada vez mais e adquirindo confiança nestas novas relações. Situações como os pais saírem escondidos da criança são condenadas, traduzindo uma determinada visão de criança que não a considera como um sujeito capaz de aprender e estabelecer novas relações.

Estas variáveis também já foram indicadas por outras pesquisas:

... a adaptação mais fácil ou mais difícil de um bebê, depende fundamentalmente da maneira como a mãe (ou pessoa a quem o bebê está fundido) está interpretando e reagindo ao processo de inserção do bebê na creche, do relacionamento que estabelece com a educadora de seu filho e com a creche em geral. (Rossetti-Ferreira et. al, 1996:22).

Acredita-se que a decisão sobre como fazer a separação das crianças de seus acompanhantes deve ser pensada com a equipe de trabalho da creche, ou seja, com a coordenação pedagógica e professoras em conjunto. Uma indicação importante da equipe de profissionais refere-se ao cumprimento, por parte dos pais, dos horários de saída das crianças. Baseadas em suas experiências, as profissionais alegam que o atraso dos pais gera ansiedade e insegurança em algumas crianças, quando vêem os pais dos colegas virem busca-los e seus pais não, caracterizando uma situação de abandono. As crianças pensam que seus pais não voltarão para busca-las.

A presença da mãe ou de outra figura familiar neste período é importante, dado o vínculo afetivo da criança com este adulto. Ele exerce o papel de mediador entre a criança e o novo ambiente, sendo o elo no estabelecimento de novos relacionamentos com a

professora e com as outras crianças. Além disso, quanto mais se conhecer a família e o contexto de vida da criança, melhor será a relação da professora com ela. Este contato com a família é fundamental e necessário para se partilhar o cuidado e a educação das crianças. Como saber o que os pais pensam sobre a educação dos filhos ou o que eles esperam do trabalho a ser realizado, se eles não têm a oportunidade de participar de um momento tão delicado como este?

Pesquisas e experiências italianas, como as de Mantovani & Terzi (op. cit., p. 176-177), referendam a afirmação de que a presença da figura familiar é uma condição importante para que a criança aceite com alegria e curiosidade o novo ambiente e esteja disponível para estabelecer novos relacionamentos. No entanto, a mãe aparece como uma figura insubstituível, sendo a criança capaz de ter outras figuras significativas como as professoras, no caso da creche.

A separação parcial não é por si só traumática contanto que ela seja seguida por uma experiência constante de retorno, uma mudança de custódia suave, que reproduza, da melhor maneira possível, o conhecido, isto é, os hábitos da criança. Por isso é crucial que a educadora, observando mãe e criança, chegue a conhecer o tom de seu relacionamento e os costumes da criança, para poder recriar situações conhecidas que só progressivamente irão diversificando-se e para criar um novo relacionamento dotado de especificidade “ . (idem, p. 178)” .

Inserção, ingresso, acolhida, não é uma questão de adaptação no sentido de modulação, que considera a criança como um sujeito passivo que se submete, se acomoda, se enquadra a uma dada situação. É um momento fundamental e delicado que não pode ser considerado como simples aceitação de um ambiente desconhecido e de separação da mãe ou de uma figura familiar, ou de fazer a criança parar de chorar.

Mais do que isso, a situação de ingresso, o tempo de chegada das crianças na creche é uma capacidade de integrar um conjunto de significados. É um tempo de chegada, de estreitamento de relações, de convite à partilha, que envolve as crianças, os professores e as famílias. A comunicação entre creche e famílias é um princípio que rege a relação entre elas e o que assegura às crianças a continuidade e o enriquecimento de suas experiências sociais, tendo em vista uma pluralidade de modelos para espelhar-se na construção da

identidade e da autonomia, não significando então a separação do adulto, mas a segurança nas relações.

Apreender o que está “por trás” deste momento tão delicado como é a situação de ingresso de crianças pequenas em um ambiente coletivo de socialização é um fator fundamental. As famílias com suas expectativas, suas histórias de vida, suas concepções, sabendo mais sobre o que é esta instituição em particular, qual seu projeto pedagógico, quem é o adulto que irá estabelecer um vínculo direto com seus filhos (as), qual a sua formação, irão tranquilizar-se e adquirir uma confiança gradativa, podendo partilhar do cuidado e da educação de seus filhos (as) com esta instituição.

A creche, tendo um projeto pedagógico devidamente organizado e planejado, que contemple a participação dos pais neste momento e uma equipe de trabalho fundamentada teoricamente, poderá acolher essas famílias e seus filhos (as) de uma maneira mais tranquila, o que irá facilitar este momento. As professoras em particular, conhecendo as principais teorias que explicitam os processos de constituição da infância, quem são as famílias das crianças com quem irão trabalhar, quem é cada criança, sua história de vida, sabendo explicitar, baseados em suas experiências e nas teorias que as apóiam, como ocorre o momento de ingresso, planejando suas ações e conversando com as famílias no dia-a-dia, irão contribuir com este momento específico.

BIBLIOGRAFIA:

- BONDIOLI, Anna & MANTOVANNI, Susana. Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos – uma Abordagem Reflexiva. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.
- BONOMI, Adriano “O relacionamento entre educadores e pais”. In: BONDIOLI, Anna & MANTOVANNI, Susana. Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos – uma Abordagem Reflexiva. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998. p. 196-172.
- FONI, Augusta. “A inserção na creche”. In: BONDIOLI, Anna & MANTOVANNI, Susana. Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos – uma Abordagem Reflexiva. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998. p. 143-156.

- MARTINEZ, Cláudia M. Simões. Da família a escola: ingresso de crianças de 1 a 3 anos em novo contexto de socialização. São Carlos, 1998. Tese (Doutorado em Educação) UFSCar.
- MANTOVANI, Susana & TERZI, Nice. "A inserção". In: BONDIOLI, Anna & MANTOVANNI, Susana. Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos – uma Abordagem Reflexiva. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998. p. 173-184.
- ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. O apego e as relações da criança à separação da mãe: uma revisão bibliográfica. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, no 48, p. 3-19, fev. 1984.
- _____ et al. Emergências de Novos Significados durante o Processo de Adaptação de Bebês à Creche. Mimeo, 1996.
- STRENZEL, Giandréa Reuss. A Educação Infantil na Produção dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil: Indicações das Pesquisas para a Educação da Criança de 0 a 3 anos. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) UFSC.